

CLÁUDIA MARTIN NASCIMENTO

**Um mito planetário:
explorando a hipermídia**

Dissertação apresentada ao Programa Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre.

Linha de Pesquisa:
Produção e Circulação da Arte

Orientador:
Prof. Dr. Artur Matuck

**São Paulo
2007**

Cláudia Martin Nascimento

Um mito planetário: explorando a hipermídia

Dissertação apresentada ao Programa Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração:
Produção e Circulação da Arte

Aprovado em: 06 de dezembro de 2007

Banca Examinadora

Prof. Dr. Artur Matuck

Instituição: Universidade de São Paulo (USP-SP)

Assinatura:

Prof. Dr. Viscente Gosciola

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Assinatura: _____

Prof. Dr. Edmilson Felipe da Silva

Instituição: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Assinatura: _____

À Mente Humana.
Ao S. M.

AGRADECIMENTOS

Ao prof. Dr. Artur Matuck, pelo incentivo e encorajamento à realização deste trabalho.

À Universidade de São Paulo, pela oportunidade de realização do curso de mestrado.

Aos professores Luli Radfahrer e Edmilson Felipe, pelo apoio e ensinamento durante o período de pesquisa, fundamentais para o aprimoramento conceitual deste trabalho.

Ao professor Sérgio Bairon, pelo ensinamento e orientação durante sua disciplina na PUC-SP.

Ao pesquisador Roy Ascott, pelo apoio e pela conversa que redirecionou o rumo da presente pesquisa.

Ao Gil Barros e à Flávia Nascimento por toda a ajuda.

Em especial à Larissa Lacerda por acreditar no potencial deste trabalho, ao Fausto Macedo, por ouvir e apoiar sempre, à Neusa Brandão por todo apoio e ajuda.

Aos amigos e à minha família, pelo incentivo, compreensão e carinho sempre.

RESUMO

NASCIMENTO, Cláudia M. **Um mito planetário: explorando a hipermídia**. 2007. 288 f. Dissertação (Mestrado) – Interunidades em Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

Este projeto de pesquisa foi desenvolvido com o objetivo de pensar a estrutura narrativa da linguagem da hipermídia, que surgiu com os novos meios de comunicação em rede da era digital. Inspirado na proposta *Tecnoética* de Roy Ascott, este trabalho propõe uma investigação do objeto por meio da interação entre os campos da arte, da tecnologia e da pesquisa da consciência. O texto consiste em um estudo teórico, no qual a estrutura narrativa da hipermídia foi colocada em paralelo com aquela encontrada pelo antropólogo Claude Lévi-Strauss nas narrativas míticas dos índios sul-americanos. A construção de tal analogia teve como principal objetivo encontrar pontos de vista alternativos para compreender e manipular a estrutura lógica da hipermídia e os recursos que ela mobiliza para formar um todo coerente, tais como a temporalidade e a espacialidade narrativas, as simbologias e metáforas e seus outros meios próprios de produção de sentido. A pesquisa abrange ainda um trabalho prático, experimental e embrionário, que pretende ser ao mesmo tempo conceitual, acadêmico e artístico, uma estrutura de navegação na internet que consiste na adaptação de mitos indígenas inter-relacionados às linguagens das mídias digitais interativas.

Palavras-chave: mitologia, mito, hipermídia, hipertexto, narrativa, estrutura, rede, tempo, espaço, simbologia, significado, multilinearidade.

ABSTRACT

NASCIMENTO, Cláudia M. **A planetary myth: exploring hypermedia.** 2007. 288 f. Essay (Masters Degree) – Interunidades em Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

This research project was developed with the purpose of thinking the narrative structure of hypermedia that has emerged from the new means of communication via the web with the digital age. Inspired by the Roy Ascott's *Technoethics practice*, this work proposes an investigation through the interaction between the art and technology fields and the consciousness research. The text consists of a theoretical study in which the narrative structure of hypermedia was put in parallel with that one found by the anthropologist Claude Lévi-Strauss in the South-American indigenous mythical narratives. The construction of this analogy had as its main goal to find alternative ways of comprehension and manipulation of the hypermedia logic structure and the resources it mobilizes to form a coherent whole such as the temporality and spatiality narratives, symbology and metaphors and its own other means of producing meaning. The research also includes a practical, experimental and embryonic work intended to be at the same time conceptual, academic and artistic: a navigation structure on the internet which consists of an adaptation of interrelated mythic narratives to the interactive digital media.

Keywords: mythology, myth, hypermedia, hypertext, narrative, structure, web, time, space, symbology, meaning, multilinearity.

COMO LER ESTE TRABALHO

No decorrer deste trabalho, percebemos que a ordem sucessiva de capítulos como único caminho de leitura empobreceria o sentido do texto, da forma com que pretendíamos apresentá-lo. Isso porque os temas desta dissertação se entrecruzam e interconectam, estando vinculados uns aos outros assim como acontece com as narrativas míticas e hipermidiáticas.

Por tal motivo, além de integrarmos o texto dissertativo no trabalho prático em linguagem de hipermídia, para que pudesse ser apreendido também pela interação com esta, criamos uma apresentação de capítulos inspirada nas estruturas narrativas míticas e hipermidiáticas, tais como estudadas neste projeto de pesquisa.

Tomando como critério características que serão descritas em detalhes no decorrer deste trabalho, fragmentamos o texto em um maior número de capítulos e sub-ítem, que tomaram a forma de unidades de conteúdo mais curtas. Para facilitar a leitura por afinidades temáticas e a compreensão como um todo dos conceitos interligados, preferimos manter separados os temas referentes às partes II e III, embora estes tenham correlações, com o fim de que as associações fossem criadas a partir de um segundo nível de leitura, que ligasse diretamente estas unidades. Em alguns momentos, porém, preferimos criar uma conexão direta entre os temas dentro de um mesmo capítulo, porque este método nos pareceu enriquecer os textos em questão.

Com esta estrutura, procuramos criar um texto que permitisse mais de um caminho de leitura, respeitando a ordem linear ou diacrônica que liga os capítulos entre si, mas acrescentando também uma ordem de leitura sincrônica¹ que permite a aproximação de temas semelhantes e a criação de paralelismos, incrementando a criação de sentido, que se amplia a cada nova “sobreposição” de textos, para além do sentido de cada capítulo particular.

¹ A relação entre diacronia e sincronia será trabalhada em detalhes no decorrer deste trabalho.

Cabe ao leitor desvendar essas conexões entre os capítulos e temas, o que, pensamos, deve enriquecer a compreensão e o sentido dos mesmos, e fazer emergir interpretações criativas. Criamos, porém, alguns atalhos que sugerem primeiras aproximações e que aparecem da seguinte maneira no texto:

<p>CAP 2 / 3 / 5.1. / 9.2. / 13.1.1. / 13.2.1. / 15.1. / 18.1. CAP 2 / 15 CAP 9.1. / 9.2. / 12 / 12.2. / 13.3.1. / 15.1. / 18 / Conclusão CAP 13.3. / 13.3.1. / 18 / Conclusão</p>	<p>Temporalidade e Espacialidade Novas Experiências Cognitivas. Funcionamento da Mente Humana Mudanças nas formas de organização do pensamento.</p>
---	--

No final da primeira página de cada capítulo aparece uma tabela como esta acima, onde estão indicados os números dos capítulos e respectivos temas aos quais o capítulo em questão estiver associado.

CONTEÚDO

AGRADECIMENTOS

RESUMO

ABSTRACT

COMO LER ESTE TRABALHO

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

I. NARRATIVAS

1. Da Oralidade às Mídias Digitais

1.1. Da Oralidade dos Povos sem Escrita à Escrita dos Povos Letrados

1.2. A Conversão Escritural dos Mitos

2. Uma Escrita sem Fronteiras

2.1. Um Mito Planetário

II. A MITOLOGIA INDÍGENA

3. Os Mitos

4. O Estruturalismo de Lévi-Strauss

5. A Estrutura dos Mitos

5.1. O Tempo Mítico

6. A Análise dos Mitos Sul-Americanos

6.1. A Armação Mítica

7. A Linguagem Mítica e as Operações Binárias

8. O Sentido dos Mitos

8.1. Repetição como Elemento Significante

9. Simbologia

9.1. A Função Simbólica

9.2. Os Mitos e os Sonhos

III. A HIPERTEXTUALIDADE E A HIPERMÍDIA

10.

10.1. Narrativas

11. A Era Digital e a Informática

11.1. As novas Mídias e o Ciberespaço

11.2. A WWW e a Cibercultura

12. Uma nova concepção de textualidade

12.1. A Hipermídia e o Hipertexto

12.1.1. Tipos e Gêneros de Hipermídia e Hipertexto

12.2. Os Links

12.2.1. Formas e Tipos de Links

13. As Redes Virtuais

13.1. Um Texto sem Fronteiras Nítidas

13.1.1. Um modelo de rede

13.2. Uma Teia Híbrida

13.2.1. O Sujeito Híbrido

13.3. A Interatividade em Ambientes Virtuais

13.3.1. O Cérebro Planetário

13.3.2. O Indivíduo e os Grupos

14. O Hipertexto e a Hipermissão como Bricolagem Intelectual

15. A Estrutura da Hipermissão

15.1. A Multilinearidade, o Tempo e o Espaço

16. A Hipermissão e a Linguagem Binária

17. Simbologia

18. A Hipermissão como Narrativa Significante

18.1. Repetição como Elemento Significante

CONCLUSÃO

APÊNDICE A – Sugestões de aplicação à hipermissão

REFERÊNCIAS

INTRODUÇÃO

As primeiras intuições da presente pesquisa germinaram em 1999, inspiradas em grande medida pelo trabalho de dois pesquisadores das novas mídias. Por um lado, pelo pensamento de Roy Ascott, da Universidade de Plymouth, Inglaterra, criador do conceito de “condição tecnoética”, que define nossa entrada no milênio. Tal condição está relacionada tanto à atitude da mente, que procura a conectividade, a complexidade, a incerteza e o caos quanto à realidade concebida como composição ambígua e composta de camadas, em constante colapso e reforma, dependente do observador e em fluxo incessante. Segundo Ascott, devemos assumir também uma “prática tecnoética”, a partir de investigações que possibilitem uma interação entre os campos da arte, da tecnologia e da pesquisa da consciência, incluindo neste último a pesquisa sobre o olhar e a percepção visual no ciberespaço. A importância desta prática está no fato de nos capacitar para a distinção de novas formas de conhecimento, novas qualidades mentais, novas formas de cognição e percepção, que ele chamou de cibercepção (*cyberception*).

Por outro lado, este trabalho sofreu grande influência da pesquisa *Ancient Voices in Cyberspace* de Patrícia Search, na qual a artista e professora do Instituto Politécnico Rensselaer, Nova York, estudou a estética da narrativa, as imagens visuais e a ação nas culturas orais primitivas. Sua pesquisa, similarmente à nossa, expôs uma analogia entre as culturas orais primitivas e o ciberespaço através, porém, de métodos distintos.

Escolhemos tal aproximação porque a hipermídia nos faz experienciar uma forma de comunicação que nos aproxima, de uma maneira nova, de linguagens mais informais e características da oralidade. Segundo Sérgio Bairon, a escrita foi afastando cada vez mais a cultura ocidental da oralidade e do cotidiano, por sua vez cada vez mais afastados para as margens. O projeto da modernidade apresentava a verdade como unicamente eficaz quando enunciada na forma escrita.

o quadrilátero “etnográfico”, oralidade (tradicional indígena), espacialidade (a-histórico), alteridade (corte cultural) e inconsciência (estranheza cultural), estava criando seu conseqüentário na moderna historiografia: escrita, temporalidade, identidade e consciência. As delações apontam, como temos visto, para uma distância não muito grande entre as semânticas religiosa e científica que estão se formando no século XVI; a diferença primordial entre o europeu-cristão e o indígena-pagão está justamente neste fato. Não podemos intencionar a dissociação dessas tradições históricas que nos contextualizam no âmbito das relações com a escrita (BAIRON; PETRY, 2000, p. 60).

Para o autor, neste momento em que a informática nos força a seguir caminhos mais próximos da linguagem do ordinário e do cotidiano, devemos prestar atenção à linguagem das criações anônimas, da irrupção do marginal e suas relações com a cultura escrita erudita (ibid., p. 62-63).

Dentro deste contexto escolhemos aproximar as culturas orais indígenas e o hipertexto e a hipermídia, que compõem a rede mundial de computadores e aparecem hoje como a última prolongação da escrita. Já no início do século XXI a internet havia se tornado o principal atrativo em termos de modernidade e tecnologia, mas há apenas algumas décadas sua existência era imprevisível, bem como a facilidade e agilidade da comunicação entre os povos e culturas de diversos cantos do mundo, que se ampliaram ainda mais com esta nova forma de transmissão de informação em rede.

Por suas características próprias, a hipermídia constitui hoje também uma nova linguagem, que no entanto ainda não é completamente reconhecida como tal. Um dos objetivos deste trabalho é procurar conhecer suas características mais de perto, acompanhando a corrente de pensamento que postula a idéia de que uma nova e importante linguagem está tomando forma.

Estamos presenciando a emergência do que Pierre Lévy chamou de “economia da abundância” onde o acesso à informação foi extremamente facilitado e ampliado. A informação e o conhecimento passam a ser as mais novas fontes de riqueza e bens econômicos, que, porém, diferem completamente daqueles tematizados pela concepção econômica clássica, já que não se desgastam nem se perdem e podem ser reproduzidos e

compartilhados com rapidez e baixo custo, fazendo o conceito mesmo de posse perder completamente o sentido.

Contudo, o conteúdo abundante gerado por este novo meio de comunicação da internet torna-se obsoleto muito rapidamente e podemos nos perder em meio a este turbilhão de informações em fluxo que passam a coexistir em um novo sistema espaço-temporal de simultaneidades. A hipermídia permite uma maior facilidade de seguir referências, criar interconexões e mover-se entre os textos. A questão não é mais como acessar e adquirir informação, mas como peneirar aquelas mais significativas e utilizá-las para uma melhor compreensão e aquisição de conhecimento.

Para George Landow, devemos nos questionar, diante das mudanças advindas com as novas mídias, sobre que novas formas de organização, retórica e estrutura devemos desenvolver para comunicar de forma eficaz no espaço digital. "In other words, if hypertext demands a new rethoric and a new stylistics, of what do they consist, and how, if at all, do they relate to issues such as system speed and the like?" (LANDOW, 1997, p. 123).

Com o objetivo não de buscar respostas definitivas, mas de entrar neste campo de investigações no intuito de buscar novos pensamentos e possibilidades de respostas a estas perguntas, nos posicionamos, conscientes de que neste processo novas perguntas surgirão. Afinal, se na ciência não podem haver verdades absolutas, mais difícil é encontrá-las no campo das artes e das linguagens. Procuramos, portanto, hipóteses e fontes de inspiração que nos possam clarear os horizontes de compreensão da natureza da linguagem da hipermídia. Temos consciência de que este trabalho é um primeiro passo de uma longa caminhada, que nunca terá um fim absoluto.

Adotamos como objeto de estudo a estrutura narrativa da hipermídia como linguagem porque, embora sejam as linguagens que preenchem de sentido os meios que as veiculam, são elas, segundo Santaella, as primeiras que deixamos de perceber diante da proeminente presença das mídias. Trataremos da questão da distinção entre as mídias e as linguagens que transitam por elas no capítulo 11.1. Ressaltamos por ora que, conscientes de que a evolução tecnológica avança junto com a das linguagens surgidas com ela e que muitas

vezes tem um papel fundamental nesta última, procuramos neste trabalho enfatizar a linguagem hipermidiática, estudando-a, porém, juntamente com o suporte material que a veicula. Consideramos a hipermídia como um sistema estruturado em rede (local e global), que inclui recursos multimídia interativos (sonoros e visuais) e de hipertexto (documentos de texto interligados). A abundância de citações que o leitor encontrará no decorrer do texto se deve ao fato de que utilizamos neste estudo conceitos de pesquisas recentes sobre a hipermídia criados por autores renomados tais como George Landow, Pierre Lévy, Lúcia Santaella e Sérgio Bairon, entre outros, os quais muitas vezes não podiam ser expressos de melhor maneira. Estes conceitos foram combinados com as propostas da autora, de forma a enfatizar as características de interesse deste trabalho.

A hipermídia, como toda linguagem, está em constante transformação e crescimento e, por estarmos vivendo um tempo de mudanças rápidas e reformas conceituais e tecnológicas, seria irresponsável utilizarmos conceitos e termos sem qualificá-los. Por tal motivo, dedicamos uma parte deste trabalho a precisar os termos e conceitos tais como são entendidos e utilizados nesta pesquisa.

O método que escolhemos para refletir sobre as características que revelam as potencialidades específicas da estrutura da hipermídia foi colocá-las em paralelo com características semelhantes presentes nas narrativas míticas indígenas, que foram estudadas pela análise estrutural de um grupo de mitos proposta pelo antropólogo Claude Lévi-Strauss, dando-se ênfase à sua pesquisa sobre os mitos dos índios latino-americanos e principalmente brasileiros.

A escolha destas narrativas nos pareceu frutífera porque são estórias criadas através dos tempos por povos de diferentes costumes e crenças como uma forma eficiente e poderosa de comunicação, que visava passar as informações e costumes importantes do grupo de geração em geração, para que não se perdessem no tempo e no espaço.

É preciso salientar que preferimos utilizar o termo *estruturas narrativas da hipermídia* ao invés de *estruturas de navegação*, como muitos autores atuais fazem. Há dois motivos para esta escolha. Em primeiro lugar porque, como será detalhadamente descrito no

capítulo 10, consideramos o termo *narrativa* sob um ponto de vista semântico amplo, que não está preso somente ao texto verbal, mas que pode se manifestar em qualquer forma de discurso verbal, sonoro e visual. A segunda razão para esta escolha é que este termo nos aproxima do objeto que nos serve como referência e termo de analogia, as narrativas mitológicas.

Para que a analogia surtisse bons resultados recortamos alguns elementos que aparecem em ambas as linguagens e, que, resumidamente, estão relacionados: 1) às diferentes dimensões de leitura – sincrônica e diacrônica nos mitos e multilinear na hipermídia -, o que envolve uma diferente noção de espacialidade e temporalidade; 2) à significação e produção de sentido, abrangendo a noção de signo, sistemas binários, ampliação de sentido através do método da colagem ou montagem de pequenos blocos de informação, relação hermenêutica entre o todo e suas partes, etc.; 3) à simbologia e o uso de metáforas, o que acaba nos levando a questões sobre a dinâmica da mente e a aspectos oníricos. Em ambos os contextos - mítico e hipermidiático - estes elementos foram considerados não como entidades isoladas, mas enquanto partes integrantes das narrativas estudadas e que possuem uma função significativa em suas estruturas.

O resultado da analogia é, portanto, um texto teórico que considera as características de estrutura comuns a ambos os contextos e coloca em relevo conceitos a serem utilizados na construção da comunicação interativa em meios digitais. Este estudo, que permite a reflexão sobre possíveis inter-relações entre ambas as formas narrativas, foi composto em uma estrutura textual inspirada na linguagem do hipertexto. A intenção é que, além da leitura linear convencional que fazemos dos textos impressos, possamos criar leituras alternativas a partir da sobreposição dos diferentes capítulos e assim adquirir um sentido mais amplo do texto.

Pensamos que a base teórica resultante deste trabalho possa servir como fonte de referências para explorar os recursos da hipermídia como um laboratório a partir de idéias que desenvolvam formas mais criativas, intuitivas e prazerosas de aprendizado e estética. Deste ponto de vista, acompanha ainda este trabalho um resultado prático, experimental e

embrionário, que pretende ser ao mesmo tempo conceitual, acadêmico e artístico, uma estrutura de navegação na internet que consiste na adaptação de mitos indígenas inter-relacionados às linguagens das mídias digitais interativas.

Este trabalho, cujo desenvolvimento não cessa com o fim deste texto, pretende colocar em relevo as similaridades entre os dois sistemas sígnicos. Pretende ainda construir uma estrutura lógica interna que possibilite ao leitor a apreensão gradativa e estimulante dos conceitos e do sentido, criando meios para lidar de maneira criativa com os conteúdos encontrados. Para tanto, é apresentada uma sugestão de mapa guia que representa sua estrutura interna e permite perambular pelas informações a partir de rotas alternativas.

Escolhemos a aproximação com a arte porque, como nos diz Santaella, “em tempos de mutação, há que ficar perto dos artistas” (SANTAELLA, 2003, p. 27). Para esta autora, são os artistas que, frente ao surgimento de novos suportes tecnológicos, “tomam a dianteira na exploração das possibilidades que se abrem para a criação” (ibid., p. 326). Machado também nos diz que agora “é a máquina que realiza o trabalho ‘físico’ da obra, cabendo ao artista o trabalho intelectual e a atividade imaginativa” (MACHADO, 1993, p. 15). Mas o mesmo autor também diz que “a verdadeira arte de nosso tempo é duplamente motivada pela técnica e pelo imaginário, nascendo portanto de um diálogo produtivo que o artista-engenheiro trava com a máquina” (ibid., p. 16). Além disso, hoje em dia não há mais só o artista ou o técnico, mas aquele que produz é inevitavelmente uma mistura, um pouco artista, um pouco técnico.

Acreditamos que a experiência artística é o meio mais propício para explorar de forma inventiva e criativa as características que supomos pertencer a uma linguagem nascente. Pensamos ter chegado, ao menos, a resultados imaginativos, exercícios do pensamento que procuram enfrentar os recursos físicos das novas mídias na busca de sua linguagem própria.

Cabe ainda salientar que essas novas formas de escrita e leitura surgidas com a hipermídia se aproximam mais de nossas estruturas mentais e alteram a maneira de organizar o pensamento que adquirimos com a cultura do texto impresso, conforme será

apontado diversas vezes nesta pesquisa. De acordo com Landow, algumas das mudanças promovidas pelo hipertexto são: a aquisição de informação e hábitos de pensamento em termos de múltiplas aproximações e causas; a presença de um ambiente participatório de leitura e escrita; a habilidade para explorar e criar novos modos de discurso e, com seu uso, o hábito de fazer conexões (LANDOW, 1997, p. 220).

De fato, com o advento destas novas tecnologias, tem-se observado transformações no comportamento físico e mental de seus usuários. A interação com estes meios faz surgir novos movimentos físicos que estão relacionados ao texto na tela e que, principalmente quando se tornam habituais, carregam significados que influenciam o pensamento. Determinadas ações do leitor/interator geram conseqüências que o ensinam e o fazem absorver novas suposições sobre a natureza da textualidade. Estas suposições são “vínculos cognitivos” relacionados ao hipertexto. Assim, quando os *links* não são indicados de maneira clara no design da interface, o leitor pode perder a tela de texto no meio da leitura, tendo dificuldade em voltar a ela. Este tipo de situação faz com que ele aprenda sobre a instabilidade do texto, o que, com o tempo, o capacita melhor em relação à aceitação de imprevistos e mudanças repentinas. Desta forma, se estreitam as relações entre as ações físicas e os mundos imaginativos criados, com suas propriedades verbais, visuais, acústicas, cinestésicas e funcionais. Corpo e mente passam a um estado de comprometimento conjunto em relação a estes ambientes virtuais (HAYLES, 2004). As mudanças promovidas por estes novos meios de comunicação na internet já são visíveis, porém ainda pouco estudadas e compreendidas.

De acordo com muitos autores, estamos entrando em uma nova era que trará conseqüências para todos os níveis da vida social, política, econômica e cultural. Já podemos ver mudanças nítidas no trabalho, no lazer e entretenimento, no comércio etc., mas ainda não podemos saber em que grau as novas tecnologias irão mudar os aspectos de nossa vida. A internet e as mídias digitais interativas são fenômenos da sociedade contemporânea e compartilham com ela características como heterogeneidade, pluralismos culturais/sociais/políticos, multivocidade, simultaneidade, localismos, globalização, entre

outras que passaram a fazer parte de nossas discussões cotidianas. Elas têm transformado nossas concepções de mundo, tornando-se fundamental pensá-lo de outros pontos de vista, o que torna necessário o desenvolvimento de estudos que contribuam para a compreensão e reflexão destas linguagens interativas que influenciam a sociedade contemporânea e suas práticas.

Por fim, é preciso esclarecer duas questões, para que se evitem críticas imprecisas. Primeiramente, apesar de nossa sugestão de observar a internet e suas linguagens como um todo global que une povos e culturas, isso não significa que defendemos a mistura homogênea de culturas e sociedades. Ao contrário, juntamente com Lévi-Strauss, pensamos que a diferença entre as culturas é o que torna fecundo o encontro entre elas.

Cada cultura desenvolve-se graças a seus intercâmbios com outras culturas. Mas é necessário que cada uma oponha certa resistência a isso, caso contrário, logo não terá mais nada que seja de sua propriedade particular para trocar. A ausência e o excesso de comunicação têm, um e outro, seus riscos (LÉVI-STRAUSS; ERIBON, 2005, p. 211).

Para Lévi-Strauss, todas as culturas são o resultado de empréstimos, miscigenações e flutuações desde a origem dos tempos, não sendo possível uma sociedade “monocultural”. As culturas particulares são o resultado de uma síntese original elaborada por cada sociedade no correr dos séculos, a qual constitui sua cultura em determinado momento e à qual os habitantes se apegam mais ou menos rigidamente (ibid., p. 216).

De acordo com Santaella, a proposta pós-moderna, que questionou a concepção moderna de tempo e história como progressão linear, fez nascer desejos e práticas “proliferantes, justapostos e disjuntos direcionados para a multiplicidade em detrimento da unidade, da diferença em lugar da identidade, para o movimento dos fluxos e dos arranjos móveis em detrimento dos sistemas” (SANTAELLA, 2003, p. 323). Assim, se por um lado há no mundo de hoje, que parece cada dia menor, um fluxo em direção à globalização e colaboração coletiva na escala do globo terrestre, há também um movimento que busca a diversidade e a multiplicidade.

Se a diversidade é fecunda e, ainda, necessária ao desenvolvimento das culturas, por outro lado podemos encontrar semelhanças entre culturas localizadas em partes distantes do globo e que pertencem a povos e tempos distintos. Essa similaridade, que se tornará visível até mesmo entre as estruturas narrativas míticas e hipermidiáticas, como pretendemos demonstrar no decorrer deste trabalho, se deve ao fato de que “o espírito humano trabalha com um repertório finito de estruturas formais” (LÉVI-STRAUSS; ERIBON, 2005, p. 183) e, portanto, “configurações mentais análogas podem, sem que seja preciso invocar outras causas, repertir-se em épocas e locais diferentes” (id., ibid.).

A outra questão que mencionamos refere-se à crítica da tradução das narrativas míticas para a forma escrita. Ao ser perguntado sobre o problema levantado por Jack Goody de que o simples fato de transcrevermos as tradições orais as modifica e impõe-lhes as categorias de percepção do observador e de sua sociedade, Lévi-Strauss responde:

A advertência parece-me legítima, mas trivial. Porque isso é válido para todas as observações, inclusive as das ciências mais avançadas. É óbvio que devemos ter consciência de que, ao transcrever uma observação, seja ela qual for, não conservamos os fatos em sua autenticidade primeira: nós as traduzimos em outra língua, e perdemos algo no caminho. Mas o que devemos concluir disso? Que não podemos nem traduzir, nem observar? (LÉVI-STRAUSS; ERIBON, 2005, p. 219).

Santaella nos diz que desde a fala e a capacidade simbólica, toda realidade é mediada para nós, sendo impossível saber onde está o original e a cópia, o natural e o artificial.

É com o espírito de buscar o encontro fecundo entre culturas distantes que nos voltamos para as narrativas míticas. Estamos conscientes de que muito dos mitos pode ser perdido neste caminho escolhido, mas ainda mais de que quando os adaptamos às linguagens das novas mídias podemos ganhar muito também para a compreensão da natureza da linguagem da hipermídia e para a criação de um olhar renovado sobre ela. Afinal, vivemos o momento da coexistência e das sincronias. Os mitos serão transformados, mas não estão eles, porventura, em constante transformação? A leitura que fazemos deles

é, utilizando os termos empregados por Lévi-Strauss alhures, uma dentre as outras traduções e, por isso mesmo, a seu modo, também um mito.

I. NARRATIVAS

1. Da Oralidade às Mídias Digitais

Ao dedicar um estudo à comparação entre duas áreas disciplinares tão distintas, torna-se necessário delinear as fronteiras entre elas, para depois ultrapassá-las. Quando lidamos com os mitos e a cultura indígena, estamos lidando com uma cultura de tradição oral, que passa o conhecimento do grupo de geração a geração através da fala. Já ao estudar o hipertexto e a hipermídia, entramos em contato com uma forma de comunicação totalmente nova, mas que deriva de um processo que vem se desenvolvendo há milênios, desde a invenção das técnicas de escrita e, conseqüentemente, de leitura. Desta forma, é preciso, em um primeiro momento, delimitar duas categorias fundamentais para este estudo e expor algumas questões sobre elas. De um lado, a oralidade, forma original de comunicação dos mitos nas sociedades indígenas, citadas muitas vezes neste trabalho como *povos sem escrita* ou *povos não-letrados*². De outro, a escrita, elemento de distinção entre estas sociedades e aquelas que dizemos “avançadas” ou letradas, sem o qual o hipertexto e a hipermídia não seriam possíveis.

Considerando que estaremos aproximando duas formas de comunicação distintas, dedicaremos algumas palavras às conseqüências da transcrição de mitos coletados de uma cultura oral como, por exemplo, a fixação de narrativas que estão em constante transformação.

Ao longo da história da tecnologia, podemos observar um distanciamento do homem de um universo cognitivo oral e mnemônico. Da expressão oral à invenção da escrita e desta para as tecnologias digitais, aprimora-se o armazenamento de conhecimento, permitindo o acúmulo de uma memória coletiva em detrimento da memória individual. Mas, como será visto na terceira parte deste trabalho, as linguagens que surgem com as novas tecnologias não eliminam as anteriores, mas passam a coexistir com elas. É este o caso da

² Considera-se o mito como elemento cultural cuja origem é anterior à introdução das técnicas de leitura e escrita alfabética nestas sociedades.

hipermídia, que faz uso de praticamente todas as linguagens anteriores, a fala, a escrita, as linguagens visuais e sonoras. Por tal motivo e considerando a diferença da hipermídia como tecnologia e como linguagem que descreveremos no decorrer do texto, pensamos que o mito, considerado aqui como linguagem que tem a fala oral como suporte de veiculação, pode ser fonte de referência para o estudo da hipermídia como linguagem.

1.1. Da Oralidade dos Povos sem Escrita à Escritura dos Povos Letrados

O título do presente capítulo não pretende sugerir um processo evolutivo entre essas duas formas de sociedade humana, a dos povos sem escrita e a dos povos letrados. Este tipo de interpretação já foi há muito descartado, a partir dos conceitos propostos pelo antropólogo Claude Lévi-Strauss a propósito do “Pensamento Selvagem/Pensamento Domesticado”, obra que postula que o pensamento possui as mesmas capacidades lógicas em ambas as sociedades, que não pertencem, portanto, a diferentes estágios de desenvolvimento.

Em seu livro “O Pensamento Selvagem” (1962), Lévi-Strauss contesta a suposta idéia da existência de duas naturezas radicalmente diferentes de pensamento. Segundo ele, as diferenças observadas nas diversas sociedades humanas estariam nos interesses a que o pensamento se aplica, nas diferentes formas de ordenação e entendimento do mundo. Mas considera ambas as formas de pensamento como “científicas”, porque o homem dito “primitivo” tem, como nós, a mesma capacidade de lógica classificatória e de pensamento

<p>CAP 2 / 3 / 5.1. / 9.2. / 13.1.1. / 13.2.1. / 15.1. / 18.1. CAP 2 / 15 CAP 9.1. / 9.2. / 12 / 12.2. / 13.3.1. / 15.1. / 18 / Conclusão CAP 13.3. / 13.3.1. / 18 / Conclusão</p>	<p>Temporalidade e Espacialidade Novas Experiências Cognitivas. Funcionamento da Mente Humana Mudanças nas formas de organização do pensamento.</p>
---	--

abstrato.

O pensamento selvagem não é, pois, o pensamento dos selvagens ou de uma humanidade arcaica, mas sim “o pensamento no estado selvagem, diferente do pensamento cultivado ou domesticado a fim de obter um rendimento” (LÉVI-STRAUSS, 1962, p. 252). É um pensamento ao mesmo tempo analítico e sintético, que possui uma “voraz ambição simbólica”, ao mesmo tempo em que se volta para o concreto, ou seja, para o mundo sensível. Segundo Lévi-Strauss, este tipo de pensamento ainda pode ser encontrado entre nós, por exemplo na arte.

Para Lévi-Strauss, há maneiras diferentes de pensar a história e, portanto, de pensar o tempo. A partir deste raciocínio, ele distingue as sociedades entre “quentes” (pensamento domesticado) e “frias” (pensamento selvagem), sendo as primeiras as que se focam nas idéias de progresso, evolução e mudança, ou seja, em uma seqüência única de acontecimentos onde “cada termo é surgido em relação ao que o precede e original em relação ao que o segue” (ibid., p. 267). As segundas são fiéis ao passado, concebido como um modelo atemporal. A história e o mito são, assim, diferentes formas de entender o mundo.

Acreditando haver ainda muitas interrogações nas teorias existentes e partindo de suas experiências pessoais em trabalhos de campo, o antropólogo britânico Jack Goody propõe, na obra “Domesticação do Pensamento Selvagem” (1988), uma alternativa de maior capacidade explicativa aos estudos sobre o desenvolvimento geral do pensamento humano. Às dicotomias frequentemente utilizadas pelos antropólogos como “nós/eles”, “primitivos/avançados”, “pensamento selvagem/pensamento domesticado”, etc., Goody acrescenta um terceiro elemento: as mudanças nas formas de comunicação dos povos não-letrados, mais especificamente, a introdução das várias formas de escrita nestas sociedades.

Embora Goody parta das teorias de Lévi-Strauss, ele as critica dizendo que o autor ainda se mantém prisioneiro das velhas dicotomias. Seria de pouca relevância para este trabalho aprofundar estas questões. No entanto, considera-se aqui que a crítica de Goody,

ao invés de invalidar o modelo proposto por Lévi-Strauss, o complementa, na medida em que as diferenças observadas entre sociedades podem ser explicadas pela união das teorias dos dois autores. Além disso, como veremos no decorrer deste trabalho, Lévi-Strauss utiliza as dicotomias como noções teóricas para formular hipóteses sem, no entanto, se prender a elas.

Não estabeleço uma distinção objetiva entre tipos diferentes de sociedades. Refiro-me à atitude subjetiva que as sociedades humanas adotam diante de sua própria história. Quando falamos de sociedade “primitiva”, colocamos aspas para que saibam que o termo é impróprio e que nos é imposto pelo costume. Entretanto, em certo sentido, ele é adequado: as sociedades que chamamos “primitivas” não o são de maneira alguma, mas gostariam de sê-lo. Sonham-se primitivas, porque seu ideal seria permanecer no estado em que os deuses ou os ancestrais as criaram no início dos tempos. Naturalmente elas se iludem e não escapam à história mais do que as outras (LÉVI-STRAUSS; ERIBON, 2005, p. 177-178).

Enquanto as sociedades primitivas se submetem à história de que desconfiam, nós, as sociedades quentes, temos uma atitude diferente, reconhecemos a existência da história e, mais ainda, a cultuamos, porque “o conhecimento que pretendemos ou queremos ter de nosso passado coletivo, ou, mais exatamente, o modo como o interpretamos, ajuda-nos a legitimar ou criticar a evolução da sociedade em que vivemos e a orientar seu futuro” (ibid., p. 178).

Goody coloca de lado as dicotomias radicais ao mesmo tempo em que rejeita uma visão relativista, que defende a igualdade dos processos intelectuais nestas sociedades. Segundo este autor: “Semelhantes sim; os mesmos não” (GOODY, 1988, p.46). Sua grande contribuição está no fato de que vê as dicotomias como variantes, mas não suficientes para explicar as diferenças observadas. Por esta razão, propõe qualificá-las e mostrar seus fatores causais, o que faz a partir da definição das características dos modos de pensamento que são afetadas pelas mudanças nos meios de comunicação, enfatizando o aprendizado da escrita e a adoção do alfabeto. A teoria de Goody é que os processos cognitivos se alteram na medida em que novos meios e técnicas de comunicação aparecem em uma dada sociedade.

Para Goody, a introdução da escrita teve grande influência na política, na religião e na economia dos povos não-letrados, mas pouco alterou no que diz respeito ao parentesco e suas instituições. Em um trabalho anterior com Ian Watt (1963), os autores sugerem com relação à invenção do sistema alfabético que a

“nossa lógica”, no sentido restrito de um instrumento de procedimentos analíticos, [...] parecia ser uma função da escrita, visto que foi a fixação da fala que permitiu ao homem separar claramente as palavras, manipular a sua ordem e desenvolver formas silogísticas de raciocínio. Estas formas parecem pertencer especificamente à escrita e não à oralidade, usando mesmo um elemento puramente gráfico – a letra – para indicar a relação entre as partes constituintes (GOODY, 1988, p. 22).

Desta maneira, a escrita promove uma outra forma de raciocínio, na medida em que permite a comparação de enunciados emitidos em tempos e lugares diferentes, enquanto na tradição puramente oral torna-se difícil a análise individual, abstrata e crítica de um segmento isolado do discurso humano. A escrita não substitui a fala, mas acrescenta uma importante dimensão a uma parte das ações humanas (GOODY, 1988).

De acordo com o mesmo autor, a partir do momento em que a escrita alfabética permitiu a comparação entre as várias visões de mundo, do universo e dos deuses presentes nas diversas sociedades, tornaram-se perceptíveis também as contradições, o que possibilitou o surgimento da distinção entre *Mythos* e *Historia* feita por Lévi-Strauss. O que Goody sugere é que muitos dos aspectos das dicotomias “domesticado/selvagem”, “primitivo/avançado”, etc. estão relacionados à introdução da escrita nestas sociedades, e que “a aquisição destes novos meios de comunicação transforma efetivamente a natureza dos processos cognitivos”.

[...] as diferenças no modo de comunicação são frequentemente tão importantes como as diferenças no modo de produção, pois envolvem progressos na possibilidade de armazenagem, na análise e na criação de conhecimento, assim como as relações entre os indivíduos envolvidos (GOODY, 1988, p. 47).

A escrita alfabética possibilitou uma nova forma de análise do discurso oral, transformando-o em uma forma semipermanente e aumentando o acúmulo e a capacidade

de armazenamento de informação. Consequentemente, a comunicação passa para um domínio além dos contatos pessoais.

Goody demonstra então como todas estas mudanças vão proporcionar também o surgimento do pensamento científico, tal como existe em nossa sociedade, a partir do desenvolvimento de uma linha de pensamento crítico e do acúmulo de cepticismo em relação aos próprios conhecimentos adquiridos. A escrita permite o desenvolvimento de uma lógica de contradição e de uma consciência das diferenças, porque

quando um enunciado é posto por escrito, pode ser inspeccionado com maior pormenor, nas partes e no todo, de trás para a frente, dentro e fora do contexto; por outras palavras, pode ser submetido a um tipo de análise e crítica diferente daquele que a comunicação verbal possibilita. A fala deixa de estar presa a uma “ocasião”; torna-se intemporal. E também não está ligada a uma pessoa; uma vez no papel, torna-se mais abstracta e despersonalizada (GOODY, 1988, p. 54).

Segundo Goody, a escrita possibilita o nascimento da Lógica e da Filosofia, da Álgebra Simbólica e do Cálculo. As sociedades sem escrita carecem não de pensamento reflexivo, mas destes mecanismos que tornam possível a meditação construtiva e silogística.

Por outro lado, conforme será explicado no capítulo 1.2 (cf. p. 33), Lévi-Strauss afirma que os indígenas tinham consciência das contradições existentes nas versões de um mesmo mito contadas por diferentes povos. Eles apenas não davam grande importância a elas, sendo seus objetivos em relação a estas narrativas muito diferentes dos objetivos das sociedades letradas em relação ao texto escrito. Indo ainda além, Lévi-Strauss procura demonstrar ao longo de toda sua obra que os mitos operam por um sistema simbólico semelhante à Lógica e à Matemática na tentativa de solucionar os problemas de que tratam suas narrativas.

Goody não está, com sua teoria, negando estas qualidades nas sociedades sem escrita, mas ao contrário as estuda com a intenção de “destacar os traços específicos dos ‘modos de pensamento’ que parecem afetados pelas mudanças verificadas nos meios de comunicação”.

[...] não tive a intenção de insinuar que as sociedades pré-letradas sejam desprovidas de história, de matemática, de elementos individuais ou até de organizações administrativas. Pelo contrário, interessam-me os desenvolvimentos de todas essas facetas da vida social que aparentemente estão associados às mudanças nos meios e nos modos de comunicação (GOODY, 1988, p. 30).

A existência de atividade intelectual nestas sociedades não está em discussão; o que Goody busca são os seus tipos. A atividade intelectual se transforma ao longo do tempo e é influenciada por fatores que devemos levar em conta, tais como a tradição intelectual, o cenário institucional e os modos de comunicação presentes em cada sociedade (ibid., p. 14).

§

As narrativas orais têm certo poder de influência sobre as pessoas, afetam suas crenças e comportamentos, que são alterados também, mas de forma diversa e conforme descrito acima, pelo uso e adoção da escrita. As narrativas escritas possibilitaram uma nova forma de ver o mundo. De uma maneira semelhante, estamos vivendo hoje um período de grandes mudanças com o advento das novas tecnologias. Os processos de transmissão de informação em rede possibilitados pela internet e a difusão de conhecimento através da hipermídia - considerada pela maioria dos pensadores atuais como uma nova linguagem - são meios de comunicação totalmente novos que trazem conseqüências ainda pouco compreendidas. Eles promovem novas formas de percepção e afetam nosso comportamento físico, mental e nossos hábitos, transformando também nossas crenças e nossa concepção do mundo. A hipermídia permite uma forma de escrita e leitura de características próprias e, conseqüentemente, um acesso à informação diferenciado, levando a crer, segundo a teoria de Goody, que estamos vivenciando um novo processo de mudanças em nossa forma de pensar e organizar o pensamento. Sem dúvida, as novas tecnologias já estão promovendo mudanças nos diversos segmentos de nossa sociedade, como na política, na economia e na cultura. Tornam-se então de extrema necessidade a

reflexão e o entendimento destes meios e de seus diferenciais em relação aos mecanismos aos quais já estamos habituados.

REFERÊNCIAS

ANTONIO, Irati. **Autoria e cultura na pós-modernidade**. Ci. Inf., Brasília, v. 27, n. 2, 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v27n2/irati.pdf>>. Acesso em: 05 de agosto de 2007.

BAIRON, Sérgio; PETRY, Luis Carlos. **Hipermídia, psicanálise e história da cultura: making of**. Caxias do Sul: EDUCS; São Paulo: Editora Mackenzie, 2000. 148 p.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. O Estruturalismo Lingüístico. **Revista Tempo Brasileiro**, nº 15/16. Rio de Janeiro, p. 5-43, 1967.

CAMPBELL, Joseph. **Para viver os mitos**. 3. ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2003. 217 p.

DELANY, Paul; LANDOW, George. Managing the digital word: the text in an age of electronic reproduction. In: DELANY, Paul; LANDOW, George. **The digital word: text-based computing in the humanities**. Cambridge: MIT Press, 1993. p. 3-28.

FLOWERS, Betty Sue (Org.). **O poder do mito: Joseph Campbell, com Bill Moyers**. 22. ed. São Paulo: Ed. Palas Athena, 1990. 250 p.

GOLDGRUB, Franklin. **Mito e fantasia: O imaginário segundo Lévi-Strauss e Freud**. São Paulo: Ática, 1995. 223 p. (Série Fundamentos, 102).

GOODY, Jack. **A domesticação do pensamento selvagem**. Tradução de Nuno Luís Madureira. Lisboa: Editorial Presença, 1988. 184 p.

GOSCIOLA, Vicente. **Roteiro para as novas mídias: do game à tv interativa**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003. 272 p.

HAYLES, Katherine. *N. Katherine Hayles responds*. 2004. Disponível em: <<http://www.electronicbookreview.com/thread/firstperson/intereactive>>. Acesso em: 05 de agosto de 2007.

HEMENWAY, Priya. *Divine Proportion: Φ (phi) in art, nature, and science*. New York: Sterling Publishing, 2005. 204 p.

JOHNSON, Steven. *Cultura da interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar*. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. 189 p.

JOYCE, Michael. *Of Two Minds: hypertext pedagogy and poetics*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1995. 277 p.

LANDOW, George P. *HyperText/Theory*. Baltimore & London: The Johns Hopkins University Press, 1994. 392 p.

_____. *Hypertext 2.0: the convergence of contemporary critical theory and technology*. Baltimore & London: The Johns Hopkins University Press, 1997. 356 p.

_____. *Is this hypertext any good? Evaluating quality in hypermedia*. 2004. Disponível em: <<http://www.dichtung-digital.com/2004/3/Landow/index.htm>>. Acesso em: 03 de agosto 2007.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Tradução Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994. 149 p. (Série Trans).

_____. *Politics of time, politics of space*. 2004. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/presse/presse_art/GB-DOMUS%2012-04.html>. Acesso em: 15 de novembro de 2004.

_____. *On the difficulty of being glocal*. 2004a. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/presse/presse_art/GB-02%20Domus%2002-04.html>. Acesso em: 15 de novembro de 2004.

LAWLOR, Robert. **Voices of the First Day: awakening in the aboriginal dreamtime.** Rochester: Inner Traditions International, 1991. 412 p.

LÉVI-STRAUSS, Claude. "Totem e Tabu" versão jivaro. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. **A oleira ciumenta.** Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 229–253.

_____. **Antropologia estrutural.** Tradução de Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. 6. ed. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 2003. 456 p. (Série Biblioteca Tempo universitário, 7).

_____. **O cru e o cozido (mitológicas v. 1).** Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. 442 p.

_____. **O pensamento selvagem.** Tradução de Maria Celeste da Costa e Souza e Almir de Oliveira Aguiar. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976. (Biblioteca universitária: Série 2, Ciências sociais, v. 31).

_____. **O pensamento selvagem.** Tradução de Tânia Pellegrini. 6. ed. Campinas: Papyrus Editora, 1989.

_____. **Minhas palavras.** Tradução de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Brasiliense, 1986. 268 p.

_____. **Mito e significado.** Lisboa: Edições 70, 2000. 93 p.

_____; ERIBON, Didier. **De perto e de longe.** Tradução de Léa Mello e Julieta Leite. São Paulo: Cosac Naify, 2005. 270 p.

_____; QUENÉTAÏN, Tanneguy de. **Valemos nós mais que os selvagens?** In: LÉVI-STRAUSS, Claude. et al. Mito e linguagem social: (ensaios de antropologia estrutural). Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1970. 146 p. (Série Comunicação,1).

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996. 160 p. (Coleção TRANS).

LOPES DA SILVA, Aracy. Mitos e cosmologias indígenas no Brasil: breve introdução. In: GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Org.). **Índios no Brasil**. Brasília, DF: Ministério da Educação e do Desporto, 1994. 279 p.

MACHADO, Arlindo. Introdução e O Sonho de Mallarmé. In: MACHADO, Arlindo. **Máquina e imaginário: o desafio das poéticas tecnológicas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993. p. 09-20; 165-191.

NELSON, Theodor Holm. Structure, Tradition and Possibility. **Hypertext '03, the Fourteenth ACM Conference on Hypertext and Hypermedia**, Nottingham, UK, p.1, 2003. *Keynote* apresentado na 14ª Conferência anual de Hipertexto e Hipermedia em agosto de 2003, Nottingham, Reino Unido.

OVERING, Joanna. O mito como história: um problema de tempo, realidade e outras questões. **Revista Mana, estudos de antropologia social**. Rio de Janeiro, (1) 1, p. 107-140, 1995.

PAZ, Octavio. **Claude Lévi-Strauss ou o Novo Festim do Esopo**. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. 2ª tiragem da 1ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 1993.

PRATSCHKE, Anja. Estruturar o inestruturável, o uso da mnemotécnica na construção de ambientes virtuais. In: ACTA MEDIA III – SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ARTEMÍDIA E CULTURA DIGITAL, 2004, São Paulo.

RADFAHRER, Luli. **Design/ Web/ Design 2**. São Paulo: Market Press, 2001. 265p.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Editora Paulus, 2003. 357 p.

_____, Lucia. Hipermídia: a trama estética da textura conceitual. In: BAIRON, Sérgio; PETRY, Luis Carlos. **Hipermídia, psicanálise e história da cultura: making of**. Caxias do Sul: EDUCS; São Paulo: Editora Mackenzie, 2000.

_____. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal**. Aplicações na hipermídia. 3. ed. São Paulo: Iluminuras: Fapesp, 2005. 432 p.

_____. **O que é semiótica**. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 86 p. (Coleção Primeiros Passos, 103)

_____. Os Espaços Líquidos da Cibernídia. In: ACTA MEDIA III – SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ARTEMÍDIA E CULTURA DIGITAL, 2004, São Paulo.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 17. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

SEARCH, Patricia. Ancient Voices and Cyberspace: Exploring the Past to Reshape the Future. In: INVENÇÃO, 1999, São Paulo.

Disponível em: <<http://www.itaucultural.org.br/invencao/papers/Search.htm>>. Acesso em: 18 de julho 2005.

TYNG, Anne Griswold. Geometric extensions of consciousness. **Revista Zodiac**, Milão: Edizioni di Comunità, n.19, 1969. p.130-162.

VIEIRA, Miguel Said. Geometrização do mundo e imagem digital: a tecnologia como condicionante da arte contemporânea. In: ACTA MEDIA III – SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ARTEMÍDIA E CULTURA DIGITAL, 2004, São Paulo.

VIRILIO, Paul. O efeito de encolhimento. In: VIRILIO, Paul. **A arte do motor**. Tradução de Paulo Roberto Pires. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p. 27-56.